

PAULO VI

*O santo da modernidade*

Coleção **BIOGRAFIAS**

---

- *João Paulo II: a biografia*, Andrea Riccardi
- *João Paulo II: santo já*, Andrea Riccardi
- *Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito.*  
*Diário de uma escrava que se tornou santa*, Roberto Italo Zanini (org.)
- *Madre Teresa: tudo começou na minha terra*, Cristina Siccardi
- *Oscar Romero e a comunhão dos santos*, Scott Wright
- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *Padre Ibiapina*, José Comblin
- *Padre Pio: o mistério do Deus próximo*, Saverio Gaeta
- *Padre Pio: os milagres desconhecidos do santo dos estigmas*, José Maria Zavala
- *Papa João XXIII*, Domenico Agasso Sr.; Domenico Agasso Jr.
- *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*, Pedro Lima Vasconcellos;  
Pedro Paulo Abreu Funari
- *Paulo VI: o santo da modernidade*, Domenico Agasso Jr.; Andrea Tornielli
- *Santo Antônio de Pádua: por onde passa, entusiasmo*, Domenico Agasso Jr.

DOMENICO AGASSO JR.  
ANDREA TORNIELLI

PAULO VI

*O santo da modernidade*



Título original  
*Paolo VI – Il santo della modernità*  
© 2014 Edizioni San Paolo s.r.l.,  
Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano)  
ISBN 978-88-215-9388-8

Tradução: *Paulo Ferreira Valério*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Capa: *Marcelo Campanhã*  
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Agasso Junior, Domenico  
Paulo VI: o santo da modernidade / Domenico Agasso Junior, Andrea Tornielli; [tradução Paulo Ferreira Valério]. – São Paulo: Paulus, 2016. – Coleção Biografias.

Título original: Paolo VI: il santo della modernità  
ISBN 978-85-349-4490-8

1. Papas - Biografia 2. Paulo VI, Papa, 1897-1978 I. Tornielli, Andrea. II. Título. III. Série.

16-08247

CDD-262.13092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Papas: Biografia 262.13092

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

**paulus.com.br/cadastro**

Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627  
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4490-8

## OLHAR O MUNDO COMO UM CAMPO DE COLHEITA

Trinta e seis anos depois de sua morte, ocorrida na solidão de Castel Gandolfo, Papa Paulo VI, nascido Giovanni Battista Montini, é proclamado beato por seu quarto sucessor. A cerimônia acontece no final de um Sínodo dos bispos, instituição que o Papa bresciense, timoneiro do Concílio, fez surgir a fim de associar, de alguma maneira, o episcopado mundial à discussão dos temas mais importantes concernentes à Igreja e a seu governo. E acontece em 2014, ano já marcado por uma dupla canonização: a de João XXIII e a de João Paulo II. Muito se discutiu e se falou a propósito da conveniência de levar à honra dos altares tantos bispos de Roma: há o risco de dar a impressão de que a Igreja, exaltando o pontificado romano, engrandeça a si mesma e suas sumidades. Ao canonizar os papas “bons” do século XX, existe de algum modo o perigo de fazer parecerem “maus” os pouquíssimos para os quais jamais se abriu o processo canônico. Há o risco de considerar a beatificação da pessoa uma beatificação ou um selo de todo o pontificado, de todas as escolhas feitas. Ainda que, eventualmente, a Igreja, ao beatificar ou proclamar santo um filho seu, tenha pretendido, de algum modo, “santificar” cada uma de suas escolhas e sua opção histórica, como explicitou Papa Wojtyła na homilia de beatificação de Pio IX, com referência clara à controvertida questão de sua atitude em relação ao *Risorgimento*\* e à unidade da Itália.

---

\* Movimento de unificação da Itália, que era um conjunto de pequenos Estados. Ocorreu no século XIX. (N. do R.)

Como ler, portanto, a linha de chegada dos altares para o Papa Montini? É inegável que, para ele, não existe uma fama de santidade difusa e popular, como a que se pode encontrar para o Papa João XXIII, para o Papa João Paulo II ou até mesmo para o Papa Luciani.\*\* Isto, porém, é devido também ao fato de que a grande figura de Montini, protagonista da história da Igreja do século XX, verdadeiro artífice da reforma pretendida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, frequentemente pareceu distante e desconhecida das novas gerações, esmagada pelas figuras populares do predecessor “Papa bom” e de seu segundo sucessor, o “Papa dos records”, de longuíssimo pontificado. Ademais, Paulo VI viveu em tempos de grandes convulsões não só internacionais, mas também internas: o tormento do pós-concílio, a que não eram estranhos os protestos de 1968, transformou esse sacerdote e bispo de origem lombarda – filho de um jornalista fundador do Partido Popular e de um catolicismo feito de compromisso social e de obras, de compromisso cultural e intelectual – no balseiro chamado a guiar a Igreja em tempos atormentados, conservando-a unida.

Um primeiro teste, para ele, que, se tivesse sido Papa, talvez não teria jamais convocado um Concílio, mas teria programado do alto as reformas necessárias, foi justamente a condução de uma barquinha, a da assembleia convocada por João XXIII, que ficou sem seu timoneiro. João Batista Montini, arcebispo exilado em Milão pelos curiais no crepúsculo do pontificado pacelliano [Pio XII], criado cardeal e valorizado pelo Papa Roncalli [João XXIII], foi eleito pelo conclave de junho de 1963, precisamente porque era capaz de encarnar aquela linha mediana em condições de conservar de algum modo unidos tanto os impulsos rumo à renovação e à reforma quanto os ímpetus conservadores. É eleito para dar continuidade ao Concílio e guiá-lo com mão firme, conduzindo-o para fora dos baixios rumo aos quais queria

---

\*\* João Paulo I. (N. do R.)

conduzi-lo uma minoria que tinha a intenção de concluí-lo às pressas, talvez dando marcha a ré. Mas também conservando-o ao abrigo dos incontroláveis ímpetos para a frente da outra minoria, que tencionava colocar tudo em discussão e revolucionar a Igreja. O primeiro verdadeiro milagre de Papa Montini, em certo sentido mais deslumbrante do que a cura inexplicável do menino não nascido, que o leva à beatificação, foi, de fato, levar a bom termo o Vaticano II, fazendo com que seus documentos fossem votados praticamente por unanimidade. O Concílio, o acontecimento mais importante na história da Igreja do século XX, foi um espetáculo de unidade. E esse resultado é devido, em boa parte, à condução atenta de Paulo VI.

Sem dúvida, esperava-se que a partir do Vaticano II, com a Igreja, que abria as janelas a fim de deixar entrar ar renovado e apresentar de maneira nova as verdades da fé católica, seguir-se-ia um período de renascimento religioso, de fervor, de nova esperança, de dinamismo missionário. No entanto, veio o pós-concílio. Veio a contestação, até mesmo a ameaça de cisma, com o Papa sendo atacado pelos dois flancos, questionado por seus amigos, por aqueles que o tinham elegido.

Nessa fase, o Papa Montini foi uma testemunha sofredora e, ao mesmo tempo, firme, que, com intervenções e encíclicas, confirmou o que a Igreja sempre acreditou e continuava a crer. A um só tempo, jamais retrocedeu com relação ao caminho indicado pelo Concílio. Igualmente por isso, Paulo VI viu-se criticado por frentes opostas. Determinado mundo tradicionalista não lhe perdoou jamais a reforma litúrgica, as aberturas ecumênicas, o diálogo com as religiões. Enquanto do outro lado, certo mundo progressista – também tendo por base o mito construído sobre a figura do Papa João – considerou Montini como o Papa que “freou” a reforma da Igreja.

Talvez a grandeza de João Batista Montini se manifeste justamente nesses anos tormentosos: em seu trabalhar e sofrer para manter unida a Igreja, em seu reafirmar verdades de fé que

alguns teólogos famosos, ou até mesmo alguns bispos queriam questionar, em seu não ceder ao pedido de quem desejava condenações definitivas e providências inquisitórias às quais provavelmente se teriam seguido cismas.

Paulo VI foi Papa ao extremo, exprimindo uma fé profunda, com respeito ao fato de que o verdadeiro guia da Igreja é Jesus Cristo, e o bispo de Roma – é bom não esquecer – é somente o “vigário”. Para compreender a posição de Paulo VI diante da tempestade da contestação infraeclesial, é iluminador o discurso que dirige aos membros do Pontifício Seminário Lombardo, recebidos em audiência no dia 7 de dezembro de 1968:

Muitos esperam do Papa gestos clamorosos, intervenções enérgicas e decisivas. O Papa não se sente obrigado a seguir outra linha senão a da confiança em Jesus Cristo, a quem, mais do que a qualquer outra pessoa, importa sua Igreja. Ele é quem acalmará a tormenta. Quantas vezes o Mestre repetiu: “*Confidite in Deum. Creditis in Deum, et in me credite!*” [“Confiai em Deus. Credes em Deus, crede em mim também!”]. O Papa será o primeiro a pôr em prática essa ordem do Senhor e a abandonar-se, sem aflição ou ansiedades inoportunas, ao jogo misterioso da invisível, mas certíssima assistência de Jesus à sua Igreja. Não se trata de uma espera estéril ou inerte: ao contrário, de espera vigilante na oração.

Contudo, no fundo, o aspecto que mais caracterizou a figura de João Batista Montini (não somente a do Papa Paulo VI) é seguramente a atitude em relação ao “mundo”. No verão de 1964, com sua primeira encíclica, *Ecclesiam suam*, um texto programático, escrito inteiramente de próprio punho, Montini apresenta à Igreja e ao mundo o significado profundo do diálogo. Diálogo que, para ele, sempre findou no anúncio evangélico. Sua Igreja é do tipo que não deixa de tentar de tudo para ir ao encontro dos homens e das mulheres de hoje; que se humilha, que valoriza toda centelha apreciável na posição do outro, que não tem pretensões hegemônicas, consciente do fato de que a



Igreja cresce por atração, e não por proselitismo. Uma Igreja que tem a coragem de falar de justiça e de desenvolvimento dos povos, de pobreza e de exploração. Uma Igreja que quer encerrar a época dos colaboracionismos para manter a ordem constituída, mesmo quando essa ordem se fundamenta na exploração de milhões de pobres. Uma Igreja que quer reencontrar seu ímpeto missionário, aquele ímpeto que levou Paulo VI a percorrer centenas de milhares de quilômetros nos cinco continentes, a fim de anunciar ora aos indígenas de uma ilha perdida da Oceania, ora aos grandes, reunidos na Sede das Nações Unidas, ora aos pobres da América Latina, da Índia e da África, a Boa-Nova de um Deus que está próximo.

O que impressiona em Montini, e que se descobre em toda a sua biografia que precede o pontificado, é o olhar em relação ao mundo.

Lendo o magistério de Paulo VI, seus discursos, suas intervenções, seu epistolário, deparamo-nos com um testemunho extraordinário de que, já desde os anos do episcopado milanês, quando a Igreja na Itália ainda dava a impressão de ser fenômeno enraizadíssimo no âmbito popular, como o testemunhavam determinadas assembleias oceânicas convocadas para Roma, se dera conta de que alguns mundos começavam a tornar-se impermeáveis ao anúncio evangélico. Não, de per si, adversários ou inimigos declarados, mas indiferentes. Eram os mundos das finanças milanesas, da moda, de determinada cultura, e também o mundo operário, que entre os anos de 1950 e 60, com a grande imigração, havia transformado as periferias da metrópole milanese. Não se pode compreender Paulo VI se não se parte da ânsia evangelizadora que o moveu principalmente depois do impacto com Milão.

Esse olhar sobre o mundo emerge muito bem nestas poucas linhas, escritas em 1929, do então assistente da FUCI (Federação Universitária Católica Italiana), padre Battista Montini. Escreve, falando da “distância do mundo” e usando expressões

que contrastam com o lugar-comum consolidado do homem dilacerado pela dúvida:

Com efeito, cremos que o católico não é a pessoa atormentada por cem mil problemas, nem que sejam de ordem espiritual. Tormento e problemas que se tornaram a pedra de toque não somente das pessoas inteligentes, mas também daquelas que fazem profissão de religião. Não. O católico é aquele que tem a fecundidade da segurança. Sua segurança não é estagnação; seu movimento não é incerteza. Sua vida é riqueza de luz, de obra, de palavras inconfundíveis e benéficas. Assim é que o católico, fiel à sua fé, pode olhar o mundo não como um abismo de perdição, mas como um campo de colheita.

Aqui está toda a diferença. Montini não é o otimista que esconde de si a realidade dos fatos. Não pode ser o pessimista – como se encontram tantos hoje, no mundo católico – para quem a situação era melhor quando pior e para quem vale a tirada fulminante de Ennio Flaiano: “Não me perguntem aonde chegaremos, porque já estamos lá”. Não, o realismo cristão de Montini jamais confundiu o mundo com a Igreja, nem jamais ocultou a ação operante do mal. Lembram-se das palavras a respeito da “fumaça de Satanás” e sobre o demônio ser pessoal e tentador, pronunciadas nos primeiros anos da década de 1970, quando certa teologia havia relegado o Maligno ao esquecimento? Em relação também aos tempos eclesiais que Montini viveu, diferente devia ser o olhar sobre o mundo. Não um “abismo de perdição”, mas um “campo de colheita”. O mal permanece mal; a secularização, a assim chamada “decadência dos costumes”, permanece o que é. Muda a atitude do fiel, do evangelizador. Este já não se sente entrincheirado em um fortim, defendendo, ao som de anátemas, a última barricada da fé (ou melhor, de certa cristandade ocidental), mas está, ao contrário, empenhado em semear e – permitindo Deus – em colher. Por isso Montini falou de diálogo; por isso disse que a Igreja

se faz diálogo. E não é por acaso que, hoje, o Papa Francisco tem repetido diversas vezes que considera ainda insuperável e, portanto, atualíssimo, o documento que Paulo VI dedicou à evangelização, a *Evangelii nuntiandi*.

A Igreja não beatifica o cristão João Batista Montini pelo modo como exerceu o pontificado. Beatifica-o porque considera, a partir dos testemunhos recolhidos, que ele exercitou “de modo heroico” as virtudes cristãs. Entretanto, a ocasião da beatificação é útil para descobrir a grandeza e a riqueza de um pontificado e de um testemunho humano e cristão, uma vez que muitos dos desdobramentos da Igreja, nos últimos decênios, devem-se a Paulo VI. O professor Andrea Riccardi observou que João Paulo II “tocou a partitura que Paulo VI escrevera”.

Espera-se, pois, que Montini seja mais bem conhecido, antes de mais nada livrando-o da competência exclusiva dos estudiosos especialistas. É preciso reconhecer e admitir que certamente não foram benéficos ao grande Pontífice bresciense alguns zelosíssimos guardiães de sua memória, os quais, sentindo-se os únicos autorizados a transmitir seu ensinamento ou a administrar suas correspondências, findaram, mais ou menos inconscientemente, por tornar elitista e intelectualista sua lembrança. Tais são os representantes de círculos ou grupinhos intelectuais autoproclamados herdeiros e gestores únicos e autorizados do “montinismo”, que conseguiram a árdua tarefa de burocratizar e engessar a figura do Papa bresciense.

Justamente por isso, vale a pena percorrer novamente o pontificado do Papa que se torna beato, com o olhar de um grande jornalista como Domenico Agasso Senior que, como cronista atento – capaz de captar o essencial, o olhar de conjunto, mas também o detalhe, o pormenor –, esteve ao lado do Papa Montini, acompanhando-o em suas viagens. Muitas páginas do relato contido neste livro vieram à luz pouco depois da morte de Papa Montini, em um livro titulado *Le chiavi pesanti* [As chaves pesadas]: um ensaio no qual o texto de Agasso

era acompanhado por impulsos significativos de um grande cronista da imagem, Pepi Merisio.

Servimo-nos do material, com modificações, cortes, acréscimos, complementos. Contudo, a vivacidade do relato noticioso permaneceu intacta. E esperamos que quem o tiver em mãos possa aprofundar o conhecimento de um grande Papa e de um grande protagonista do século XX que, assumindo o nome pontifício do Apóstolo das Nações, deixou muitas vezes Roma a fim de ir anunciar o Evangelho aos homens e às mulheres de seu tempo, até os confins da terra.

*DOMENICO AGASSO JR.*

*ANDREA TORNIELLI*